

## Na cidade de São Paulo quase um terço dos idosos trabalha.

No município de São Paulo viviam, em 2010, 1,3 milhão de idosos (indivíduos com 60 anos ou mais). Desses, 27,3% estavam ocupados, perfazendo em números absolutos mais de 365 mil, considerável contingente envolvido em atividades produtivas. Do total da população ocupada, o percentual de idosos chega a 6,6%, cifra de destaque quando se trata da importância do mercado de trabalho paulistano.

De acordo com estudo recente da Fundação Seade, o Estado de São Paulo terá mais idosos do que crianças e adolescentes em 2027, e em 2050 serão aproximadamente 30% da população<sup>1</sup>. Diante dessa perspectiva, a presença desse segmento no mercado de trabalho é um fenômeno que tende a crescer.

Apesar da velhice ser tratada de maneira homogênea, o fato é que os indivíduos não vivem essa etapa da vida da mesma maneira. Nos vários lugares da vida social, como era de se esperar, o idoso se insere conforme as características socioeconômicas que carregou ao longo da vida. Dessa maneira, o presente trabalho aponta algumas dinâmicas do idoso ocupado no mercado de trabalho. Quantos continuam em atividade? Como se distribuem no grau de escolaridade? Quais os rendimentos e responsabilidade no orçamento familiar? Quais os tipos de vínculo a que estão sujeitos? O idoso ocupado se diferencia dos demais ocupados paulistanos? Estão melhor ou pior inseridos no mercado?

A permanência do idoso no mercado de trabalho é o ponto de chegada de diversos fatores combinados, dos quais sobressaem aqueles ligados à saúde, mas também de escolaridade e de renda domiciliar. Esses pressupostos encontrados em diversos estudos ajudam a entender o seu comportamento no mercado de trabalho (p. ex. IPEA, 2004 e CAMARANO, 2001).

Na análise exploratória dos dados, notou-se que esses trabalhadores estão polarizados entre os que não possuem instrução ou apenas o fundamental incompleto, e os que declaram ter o superior completo. Essa polarização permite identificar algumas características de cada grupo dentro do mercado de trabalho, considerados assim como as situações limites das trajetórias desses trabalhadores. Os grupos com escolaridade intermediária, como se verá, variam dentro dos índices dos polos.

**Tabela 1 - Ocupados - Idosos e Não idosos, segundo escolaridade. Município de São Paulo, 2010.**

Escolaridade	Idoso ocupado	Não idoso ocupado
Sem instrução e fundamental incompleto	44,1	24,4
Fundamental completo e médio incompleto	13,9	17,8
Médio completo e superior incompleto	17,7	34,0
Superior completo	23,8	22,9
Não determinado	0,4	1,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. Censo 2010; Elaboração: SMDU/ Deinfo

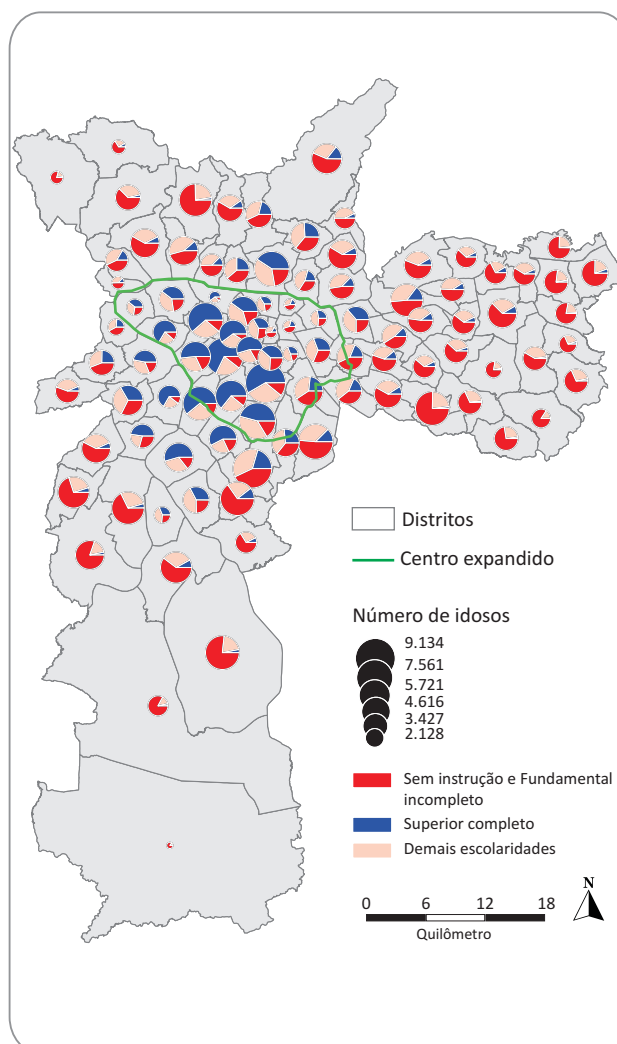
<sup>1</sup> Primeira Análise n.º 6, Setembro de 2013, Fundação Seade.

No que tange à distribuição territorial dos idosos ocupados, verifica-se que os distritos do centro expandido possuem a maior parte daqueles com ensino superior completo. Já os distritos mais periféricos servem de residência àqueles sem instrução ou com o fundamental incompleto. Na situação dos idosos com baixa escolaridade e rendimento, soma-se ainda o desafio da mobilidade urbana cotidiana, pois, como se sabe, as taxas de emprego por habitante ainda são bastante desequilibradas nos distritos paulistanos<sup>2</sup>.

Pesquisas como o Censo utilizam dados de auto-percepção para avaliar a “dimensão saúde” dos indivíduos. No caso dos idosos ocupados, os dados revelam que aqueles com baixa escolaridade se encontram em situação francamente desfavorável. Pelo padrão de inserção ocupacional e dadas as condições de trabalho historicamente degradantes em boa parte do mercado de trabalho brasileiro, é de se supor que os idosos com baixa escolaridade tenham trabalhado em atividades que lhes roubaram com mais intensidade o vigor físico.

As porcentagens abaixo demonstram a disparidade entre os sem instrução/ fundamental incompleto e aqueles que possuem superior completo. No caso de problemas de visão, os idosos ocupados com baixa escolaridade somam 48,8%, e os com superior 29,2%, uma diferença de 19,6 pontos percentuais. A dificuldade para caminhar vem logo em seguida no rol de problemas de saúde, com 21,0% contra 7,3% para aqueles com baixa e alta escolaridade respectivamente. A dificuldade para ouvir entre os dois grupos alcança uma diferença menor, mesmo assim atingindo a casa dos 7,3%.

**Mapa 1 - Distribuição dos idosos ocupados por escolaridade. Município de São Paulo, 2010.**



Fonte: IBGE. Censo 2010; Elaboração: SMDU/ Deinfo

**Tabela 2 - Idosos ocupados - Dificuldades funcionais, segundo escolaridade. Município de São Paulo, 2010.**

Dificuldades <sup>(1)</sup>	Escolaridade				Total
	Sem instrução/ fundamental incompleto	Fund completo/ médio incompleto	Medio completo/ sup. incompleto	Superior completo	
Dificuldade para enxergar	48,8	39,8	34,4	29,2	40,3
Dificuldade para ouvir	16,6	12,3	9,8	8,8	12,9
Dificuldade para caminhar	21,0	13,5	9,6	7,3	14,6

Nota:  
(1) Em todos os tipos de dificuldade foram somadas as respostas "1 - Sim, não consegue de modo algum", "2 - Sim, grande dificuldade" e "3 - Sim, alguma dificuldade". A diferença de cada casela até 100 refere-se à

Fonte: IBGE. Censo 2010; Elaboração: SMDU/ Deinfo

<sup>2</sup> Ver Informe Urbano n.º 4.

Nota-se ainda que os idosos com baixa escolaridade estão mais sujeitos a formas precárias de vínculos trabalhistas, ao contrário daqueles que possuem escolaridade maior, em especial os que detêm ensino superior completo. Assim, enquanto 22,1% dos sem instrução/ fundamental incompleto trabalhavam sem carteira assinada, os idosos com superior somavam apenas 8,3%. Os que trabalham por conta própria nos dois extremos de escolaridade apresentam uma leve diferença para aqueles com superior (2,1%), que se amplia também para os escolarizados no caso daqueles que ganham a vida como “empregadores”: 9,3%. O funcionalismo público também está mais presente entre aqueles com superior completo: 9,4% *versus* 1,5% sem instrução/ fundamental incompleto. Um dado importante que complementa as informações de vínculo de trabalho se refere ao recolhimento de seguro

social (INSS). Isso permite acurar a análise dos vínculos e estimar o tamanho da informalidade. É perceptível, conforme apontado na Tabela 4, que os idosos com baixa ou nenhuma escolaridade estejam mais vulneráveis, afinal apenas 24,7% recolhe o INSS, enquanto os com superior que recolhem chega a 55,9%.

Quanto à inserção ocupacional, a maior parte dos idosos sem instrução/ fundamental incompleto estão inseridos em ocupações manuais e ou rotineiras, como atesta a concentração nos grandes grupos 5, 7, 8 e 9 (68,8%). Por outro lado, aqueles com alta escolaridade estão ocupados em atividades mais intelectualizadas e de direção, como é o caso dos 68,3% classificados nos grandes grupos 1 e 2 (Classificação Brasileira de Ocupações - CBO).

**Tabela 3 - Idosos ocupados - tipo de vínculo, segundo escolaridade. Município de São Paulo, 2010.**

Tipo de vínculo	Escolaridade				Total
	Sem instrução/ fundamental incompleto	Fund completo/ médio incompleto	Medio completo/ sup incompleto	Superior completo	
CTPS assinada	32,7	33,8	30,6	29,7	31,8
SEM CTPS assinada	22,1	18,3	14,2	8,3	16,8
Conta própria	37,0	34,6	38,9	39,1	37,5
Empregador	2,1	5,9	7,6	11,4	5,8
Funcionário público	1,5	3,7	4,5	9,4	4,2
Militar	0,0	0,2	0,3	0,0	0,1
Não remunerado	4,6	3,4	3,9	2,2	3,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. Censo 2010; Elaboração: SMDU/ Deinfo

**Tabela 4 - Idosos ocupados - Recolhimento de INSS, segundo escolaridade. Município de São Paulo, 2010.**

Recolhimento <sup>(1)</sup>	Escolaridade				Total (%)
	Sem instrução/ fundamental incompleto	Fund completo/ médio incompleto	Medio completo/ sup incompleto	Superior completo	
Sim, no trabalho principal	23,6	32,9	39,6	53,7	34,8
Sim, em outro trabalho	0,1	0,0	0,1	0,4	0,2
Não	76,3	67,1	60,2	45,9	65,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

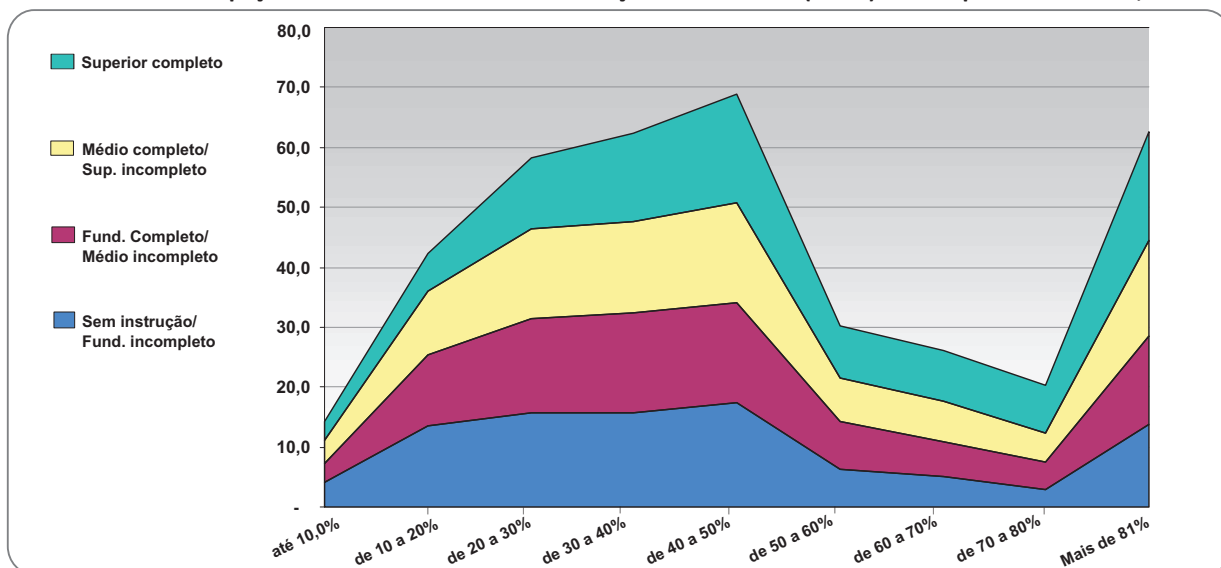
Nota:  
(1) Os dados de recolhimento se referem apenas aos idosos ocupados por "conta própria", "sem CTPS assinada" e "empregador".

Fonte: IBGE. Censo 2010; Elaboração: SMDU/ Deinfo

Os dados indicam também que, independentemente do nível de instrução dos idosos ocupados, as proporções de participação no rendimento domiciliar total são semelhantes. Chama a atenção as altas taxas de idosos ocupados responsáveis por domicílio, em todos os níveis de instrução. Para os sem instrução/ fundamental incompleto, 84,5% detinham a responsabilidade do domicílio (chefia do domicílio + cônjuge do chefe), enquanto que naqueles que possuíam o superior completo chega a 93,4%, uma diferença de 8,9%. Os idosos com menores rendimentos possuem também um percentual maior de compartilhamento do domicílio com os filhos, atingindo 7,2%, enquanto os idosos com maior escolaridade e rendimento, 2,5%.

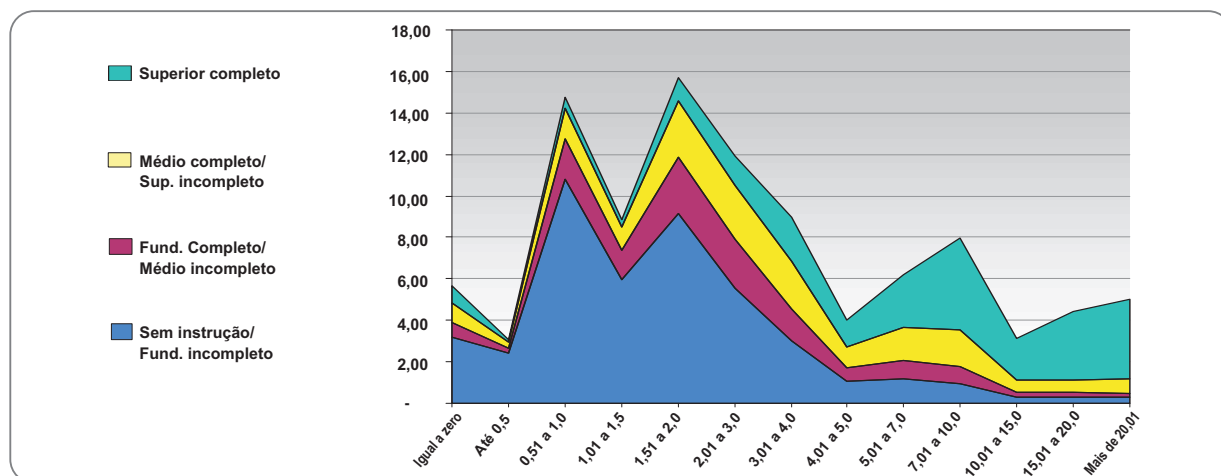
O cruzamento do rendimento no trabalho principal e a escolaridade reforça o argumento da polarização: o grupo com escolaridade muito baixa ou sem instrução, perfazendo baixos salários e o grupo com superior completo que possui altos salários. Esse fato reflete a distribuição dos trabalhadores idosos na estrutura de ocupações. A renda obtida do trabalho é o principal indicador das trajetórias individuais desenvolvidas, balizadas que foram (e no caso dos idosos, ao longo do tempo) por características estruturais da sociedade brasileira.

**Gráfico 1 - Participação do rendimento do idoso no Orçamento familiar (em %). Município de São Paulo, 2010.**



Fonte: IBGE. Censo 2010; Elaboração: SMDU/ Deinfo

**Gráfico 2 - Rendimento do Trabalho principal do idoso, em faixas de salário mínimo. Município de São Paulo, 2010.**



Fonte: IBGE. Censo 2010; Elaboração: SMDU/ Deinfo

Todos os indicadores levam a crer que os idosos sem instrução ou fundamental incompleto sejam mais vulneráveis na sua inserção e permanência no mercado de trabalho. Possuem a saúde mais debilitada, estão mais sujeitos ao trabalho informal e precário, desempenham atividades manuais e que, grosso modo, exigem vigor físico, possuem a mesma responsabilidade no orçamento familiar, quando comparados com os outros grupos de escolaridade, perfazem baixos rendimentos e moram na periferia da cidade. Os idosos com superior completo, por outro lado, possuem a saúde mais preservada, estão mais distantes de vínculos informais e precários, alocados em ocupações intelectualizadas e de direção, morando em distritos do centro expandido e perfazendo altos salários, apesar de possuir a mesma responsabilidade dentro de seus domicílios quando comparados a outros idosos ocupados.

É provável que a longevidade da população aprofunde ainda mais a presença do idoso no mercado de trabalho. Esse fenômeno merece atenção por, pelo menos, dois aspectos: em primeiro lugar, as políticas de desenvolvimento que afetam o perfil produtivo da cidade devem buscar não somente a manutenção do emprego do idoso, mas garantir às gerações que envelhecem inserções ocupacionais de boa qualidade (fisicamente menos degradantes, com bons salários e vínculos de seguridade). Como visto, o tipo de inserção é a chave para um envelhecimento ativo, autônomo e saudável. Em segundo, é fundamental que o ambiente urbano esteja preparado para receber esses trabalhadores: calçadas e espaços públicos e privados com acessibilidade, ruas e seus cruzamentos devidamente sinalizados e seguros, e transporte público eficiente figuram como alguns exemplos.

## Referências:

CAMARANO, Ana Amélia. 2001. 'O idoso brasileiro no mercado de trabalho'. Texto para discussão n.º 830, IPEA. Rio de Janeiro.

IPEA, 2004. 'Os Novos Idosos Brasileiros: Muito além dos 60?' Organização: Ana Amélia Camarano. Rio de Janeiro.

FUNDAÇÃO SEADE, 2013. 'Primeira Análise n.º 6: O impacto da agenda demográfica nas políticas de educação, emprego e saúde no Estado de São Paulo. São Paulo.



## PREFEITURA DE SÃO PAULO

Fernando Haddad  
Prefeito

Fernando de Mello Franco  
Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano

Tereza Beatriz Ribeiro Herling  
Secretária Adjunta

Weber Sutti  
Chefe de Gabinete

Tomás Wissenbach  
Diretor do Departamento de Produção e Análise de Informação

### Informes Urbanos

Elaboração  
Vitor César Vaneti

#### Equipe Técnica

Akinori Kawata  
André de Freitas Gonçalves  
Carla Garcia de Oliveira  
José Benedito de Freitas  
José Marcos Pereira de Araújo  
Juliana Colli Munhoz  
Liane Lafer Schevs  
Luciana Chakarian Kuada  
Luciana Pascarelli Santos  
Marcia Regina Alessandri  
Marcos Toyotoshi Maeda  
Maria Isabel Rodrigues Paulino  
Maria Raimunda Marinho  
Matias Chambouleyron  
Maysa Miguita Paulino  
Olimpio Bezerra Campos de Souza

Otávio Prado  
Regina Magalhães de Souza  
Ricardo de Miranda Kleiner  
Sívio Cesar Lima Ribeiro  
Tokiko Akamine  
Vitor César Vaneti

#### Projeto Gráfico e Diagramação

André de Freitas Gonçalves  
Carla Garcia de Oliveira

#### Estagiários

Eric Ferreira de Oliveira  
Luís Fernando Chiu Mariano da Silva  
Rodrigo Marinoni Mandelli

[http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/informes\\_urbanos](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/informes_urbanos)